EDUCAÇÃO FISICA: DA INCLUSÃO AO LUDICO

LÍVIA XAVIER ALBANO

RESUMO

Essa pesquisa focaliza a necessidade de mostrar que, tendo em vista o melhor desenvolvimento da criança com TEA, são de suma importância a interação e as brincadeiras, pois estas estimulam na criança o sentido de que é protagonista de seu próprio desenvolvimento psicossocial. Vamos ao encontro das dificuldades vivenciadas no contexto escolar. Para tanto, parte da prerrogativa de que a maioria dos profissionais da educação desconhece uma forma adequada de trabalhar o aspecto lúdico do ensino, ainda mais considerando esse elemento como recurso didático de estimulação para potencializar e viabilizar o desenvolvimento da criança autista, inseridas, especificamente, na educação física. Portanto, o objetivo é contribuir para a ampliação do conhecimento dos profissionais que trabalham com a inclusão para a melhor utilização dos recursos lúdicos. Dessa forma, auxiliar o profissional concretizar o desenvolvimento integral da criança especial e simultaneamente indicar como se deve estimular o educando no desempenho de tarefas mais complexas através do envolvimento e desafios propostos por atividades lúdicas.

Palavra – Chave: Educação Física, Inclusão, Brincadeiras, Jogos

ABSTRACT

This research focuses on the need to show that, in view of the better development of children with ASD, interaction and games are of paramount importance, as these stimulate in children the sense that they are protagonists of their own psychosocial development. Let's meet the difficulties experienced in the school context. To this end, part of the prerogative that most education professionals are unaware of an adequate way to work with the playful aspect of teaching, even more considering this element as a didactic resource of stimulation to enhance and enable the development of the autistic child, inserted, specifically, in physical education. Therefore, the objective is to contribute to the expansion of the knowledge of professionals who work with inclusion for the best use of ludic resources. In this way, helping the professional achieve the integral development of the special child and simultaneously indicating how the student should be encouraged to perform more complex tasks through involvement and challenges proposed by playful activities.

Keywords: Physical Education, Inclusion, Games

INTRODUÇÃO

A Educação Especial foi contemplada inicialmente no texto da lei 4.024/61 que fixou as diretrizes e bases da educação nacional e estabeleceu, em seu artigo 88, que a educação de excepcionais deve, no que for possível, enquadrar-se no sistema geral de educação, a fim de integrá-los na comunidade. No ano de 1971, o MEC criou um grupo-tarefa para tratar da problemática da educação especial, produzindo uma proposta de criação de um órgão autônomo para discutir o assunto. Posteriormente, a visão de necessidade no tecnicismo para trato da deficiência num contexto maior aconteceu com a lei Nº 5.692/71.

A instituição da nova lei da LDB 9.394/96 art. 58, passou-se a entender por Educação Especial, a modalidade da educação escolar, aferida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais. Na rede pública, todos com diferenças individuais têm acesso e direito garantido de forma que possam se assemelhar cada vez mais aos demais cidadãos inseridos no contexto social.

O movimento pela inclusão se constitui uma postura ativa de identificação das barreiras que alguns grupos encontram no acesso à educação e também na busca dos recursos necessários para ultrapassá-las, consolidando um novo paradigma educacional de construção de uma escola aberta às diferenças. A promoção da educação inclusiva, fundamentada no princípio da universalização do acesso à educação e na atenção à diversidade, requer uma filosofia de educação de qualidade para todos. Na busca deste pressuposto é essencial o desenvolvimento de uma pedagogia centrada na criança, a ampliação da participação da família e da comunidade nos espaços educacionais, a organização das escolas para a participação e aprendizagem de todos os alunos e a formação de redes de apoio à inclusão.

A educação inclusiva é uma questão de direitos humanos e implica a definição de políticas públicas, traduzidas nas ações institucionalmente planejadas implementadas e avaliadas. A concepção que orienta as principais opiniões acerca da educação inclusiva é de que a escola é um dos espaços de ação e de transformação, que conjuga a ideia de políticas educacionais e políticas sociais amplas que garantam os direitos da população. Dessa forma, promove a necessária transformação da escola e das alternativas pedagógicas com vistas ao desenvolvimento de uma educação para todos nas escolas regulares.

Assim, é necessário considerar a im-

plantação de propostas com vistas à gestão, à formação de professores, às metodologias educacionais, com ações compartilhadas e práticas colaborativas que respondam às necessidades de todos os alunos.

A inclusão amedronta alguns educadores, que passam a se sentirem ameaçados. É difícil para o educador receber um aluno com necessidades educativas especiais pela primeira vez. Geralmente inúmeros educadores entendem que ensino integrado seja equivalente a ensino inclusivo, porém, observamos que no ensino integrado a criança tem de se adaptar à escola, às suas vivências, isto é, ela tem de se transformar, conseguir conviver com o novo ambiente institucional, já no ensino inclusivo a escola é que se adapta ao aluno de acordo com as sua necessidades para que se possa atendê-lo da melhor forma possível, sendo ele a prioridade de maneira que supere e se aprimore cada vez mais em seu desenvolvimento.

A educação inclusiva é um processo em que se amplia mediante a participação de todos os estudantes nos estabelecimentos de ensino regular. Trata-se de uma reestruturação da cultura, da prática e das políticas vivenciadas nas escolas de modo que estas respondam à diversidade de alunos. É uma abordagem humanística, democrática, que percebe o sujeito e suas singularidades, tendo como objetivos o crescimento, a satisfação pessoal e a inserção social de todos. Atenta à diversidade inerente à espécie humana e busca perceber e atender as necessidades educativas especiais de todos os alunos, em salas de aulas comuns, em um sistema regular de ensino, de forma a promover a aprendizagem e o desenvolvimento pessoal de todos. Prática pedagógica coletiva, dinâmica e flexível requer mudanças significativas na estrutura e no funcionamento das escolas, na formação humana dos professores e nas relações família-escola. Com força transformadora, a educação inclusiva aponta para uma sociedade inclusiva.

Porém, sabe-se que o ensino inclusivo é uma tarefa árdua, pois existem inúmeros empecilhos que tem de ser superados aos poucos, através de novas experiências, atitudes, conceitos e acima de tudo investimento, onde demanda tempo, porque a educação no Brasil tem ainda muito que crescer.

A inclusão das crianças começa com a capacitação dos educadores e funcionários e com a sensibilização da sociedade, com ênfase no diálogo com os pais tanto de crianças portadoras de necessidades especiais quanto de crianças não portadoras.

Os educadores poderão facilitar o desenvolvimento dos seus educandos trabalhando deforma planejada, organizando atividades e situações de estimulo a aprendizagem. O ser humano é um ser aberto a mudanças, pode modificar- se por meio da educação e assim adquirir novas possibilidades.

As escolas, bem como os professores do futuro, não serão iguais aos atuais. A emergência de mudança no mundo nos leva a tal conclusão. As escolas deverão estabelecer novos perfis, transformando muitas de suas ideias e aprendendo a viver com as incertezas que a realidade lhes impõe. Sabe-se que uma das grandes incertezas vivenciadas pela escola atualmente é a inclusão de crianças com necessidades educativas especiais junto às classes ditas “normais”. São grandes as dúvidas e receios por parte dos profissionais em educação. Percebe-se a enorme confusão até mesmo na conceituação e diferenciação de termos como necessidade educativa especial, necessidade especial e dificuldade de aprendizagem. A palavra inclusão é muito falada, mas pouco compreendida. As diferentes formas de desenvolvimento do processo inclusivo ainda são fatores desconhecidos pela maioria dos professores que tentam trabalhar da melhor maneira possível, mas totalmente desamparados em termos de referências não só dentro da escola como também fora dela.

Consideramos que o processo de ensino-aprendizagem no ambiente escolar utilizando a atividade lúdica torna-se elemento motivador e facilitador, fazendo com que os educandos com necessidades especiais possam assimilar os conteúdos, vivenciem valores e atitudes de maneira prazerosa e divertida.

A ludicidade é um instrumento pedagógico essencial, sendo utilizado como meio de interação ou como forma de despertar na criança o interesse pela leitura e escrita, possibilitando a formação do autoconceito positivo, havendo assim um desenvolvimento integral do educando. Portanto, brincar é uma necessidade básica que ajuda no desenvolvimento físico, afetivo, intelectual e social.

DESENVOLVIMENTO

A inclusão no ambiente escolar é um tema muito recente que vem se expandindo cada vez mais, obtendo assim maior força e espaço nas escolas. Tem como base a igualdade de oportunidades, o convívio com as diversidades, a aproximação das diferenças, uma pedagogia voltada para o aluno, importando-se com suas capacidades e potencialidades, em detrimento de suas limitações.

Para Pedrinelli (2002, p. 54):

> Participar de um processo inclusivo é estar predisposto, sobretudo, a considerar e respeitar as diferenças individuais, criando a possibilidade de aprender sobre si mesmo e sobre cada um dos outros em uma situação de diversidade de ideias, sentimentos e ações [...]

A inclusão é um processo amplo que precisa muito esforço para seu entendimento, devido às várias transformações, nos ambientes físicos, e na mentalidade da população, incluindo o aluno com deficiência. É por meio dela que se pode construir uma sociedade que aceite e valorize as diferenças, aprenda a conviver dentro da diversidade, através da compreensão e da cooperação.

A escola como espaço inclusivo vem sendo tema para vários debates e reflexões. Este tema nos remete a questões físicas e atitudinais que norteiam o espaço escolar, pois irá abordar a sua arquitetura, engenharia, transporte, acesso, sentimentos, comportamentos, valores etc. é um conjunto extremamente complexo a ser pensado e discutido em relação à inclusão do aluno com deficiência. A maior preocupação é como realizar esta inclusão de forma eficaz e correta. Sabemos que muitos dos professores atuantes hoje, especificamente os de Educação Física, não receberam em sua formação o conteúdo necessário para realizar está inclusão. Há também algumas escolas que não tem ainda este preparo para receber um aluno com necessidades especiais, tanto na relação de seu espaço físico, a formação de seus professores e até no preparo dos alunos para como agirem e aceitarem o colega com deficiência. A Educação Física escolar se constitui em uma área de adaptação quando permite a participação de jovens e crianças em atividades físicas adequadas a suas possibilidades, fazendo com que sejam valorizados e integrem-se em um mesmo mundo. Ela enquanto adaptativa ao aluno com deficiência, possibilita a sua compreensão de capacidades, fazendo com que busque uma melhor adaptação (CIDADE e FREITAS, 1997).

Apesar da importância que a educação física tem dentro do contexto educacional, podendo contribuir para aumentar o rendimento escolar, sendo uma aliada no processo de ensino-aprendizagem, ela ainda é vista como a realização de atividades físicas ou como uma "brincadeira", ou seja, é comumente considerada pelos alunos e, até mesmo por professores, como um momento para brincar no qual não há um sentido ou objetivos pedagógicos a serem alcançados.

Como reflete Rodrigues (2003, p.70):

A educação física é julgada uma área importante de inclusão, dado que permite uma ampla participação, mesmo de alunos que evidenciam dificuldades. Assim, a educação física é capaz de suscitar uma participação e um grau de satisfação elevado de alunos com níveis de desempenho muito diferentes.

Dessa forma, a educação física pode oferecer um suporte indispensável para que as alterações e superações aconteçam na inclusão escolar. Para isso, é necessário que a disciplina seja oferecida como uma educação física adaptada e que os profissionais sejam capacitados para atender a todos, sem exclusão.

A inclusão pode ser vista como um motivo que levará ao aprimoramento da capacitação profissional de professores, constituindo uma ferramenta para que a escola se modernize em prol de uma sociedade sem espaço para preconceitos, discriminações ou barreiras sociais. (LIMA; DUARTE, 2001, p. 21).

A escola, como uma instituição social, apresenta em seu interior normas de conduta e comportamentos vindos de um sistema hierárquico de ensino, nos quais fundamentam as diversas práticas pedagógicas. Em meio a esse sistema complexo, os profissionais da educação física ainda se encontram em situações extremas de condições de trabalho, com a falta de material adequado e até mesmo com a falta de um local específico para a prática de atividades esportivas. No entanto, ainda que as dificuldades sejam inúmeras, ainda assim é possível que o professor busque alternativas para atender a todos os educandos, transformando a aula de educação física em um ambiente agradável e socializador. Assim, como profissional de educação física que sou, acredito que esse trabalho irá mostrar que tal disciplina, como um dos componentes curriculares da educação básica, não pode ficar indiferente ou neutra face ao movimento da educação inclusiva. Como faz parte integrante do currículo oferecido pela escola, essa disciplina deve-se constituir num dos adjuvantes do processo da inclusão escolar e social. Para tanto, há necessidade que os cursos de educação superior, que formam o licenciado em Educação Física, desenvolvam competências para esse fim.

Diante disso, esse trabalho tem como objetivos, mesmo que de maneira exploratória, estudar os benefícios da Educação Física para a inclusão no ensino regular, bem como descrever como os profissionais de educação física que atuam em uma escola municipal da cidade de Ipatinga-MG, se inserem no processo de inclusão de alunos com diferentes necessidades especiais, seus principais anseios e dificuldades, e ainda, como os professores regentes pensam sobre o ensino de Educação Física, ou seja, a importância da disciplina para a inclusão escolar e os limites e possibilidades para a efetivação de uma educação realmente inclusiva; a importância de se qualificar o profissional de Educação Física para ser o mediador desse processo de construção da cidadania. o trabalho da Educação Física Inclusiva deve criar um modelo mais justo e acolhedor para a Educação Física Escolar, criando alternativas para eliminar a competição exagerada, que leva à exclusão e basear-se na pedagogia cooperativa, tentando com isso criar também uma ética, uma étnica cooperativa. Assim, quem tem poucas habilidades motoras, poderão estar sempre participando e sendo capacitados em suas dificuldades.

Os jogos cooperativos são jogos em que os participantes jogam uns com os outros, em vez de uns contra os outros. Joga-se para superar desafias. São jogos para compartilhar, unir pessoas, despertar a coragem para assumir riscos, gerando pouca preocupação com o fracasso ou com o sucesso como fins em si mesmos. Eles reforçam a confiança mútua e todos podem participar autenticamente. Ganhar e perder são apenas referências para o contínuo aperfeiçoamento pessoal e coletivo. (SOLER, 2009, p. 139).

Assim, como profissional de educação física que sou, acredito que esse trabalho irá mostrar que tal disciplina, como um dos componentes curriculares da educação básica, não pode ficar indiferente ou neutra face ao movimento da educação inclusiva. Como faz parte integrante do currículo oferecido pela escola, essa disciplina deve-se constituir num dos adjuvantes do processo da inclusão escolar e social. Para tanto, há necessidade que os cursos de educação superior, que formam o licenciado em Educação Física, desenvolvam competências para esse fim.

Diante disso, esse trabalho tem como objetivos, mesmo que de maneira exploratória, estudar os benefícios da Educação Física para a inclusão no ensino regular, bem como descrever como os profissionais de educação física que atuam em uma escola municipal da cidade de Ipatinga-MG, se inserem no processo de inclusão de alunos com diferentes necessidades especiais, seus principais anseios e dificuldades, e ainda, como os professores regentes pensam sobre o ensino de Educação Física, ou seja, a importância da disciplina para a inclusão escolar e os limites e possibilidades para a efetivação de uma educação realmente inclusiva; a importância de se qualificar o profissional de Educação Física para ser o mediador desse processo de construção da cidadania. o trabalho da Educação Física Inclusiva deve criar um novo modelo mais justo e acolhedor para a Educação Física Escolar, criando alternativas para eliminar a competição exagerada, que leva à exclusão e basear-se na pedagogia cooperativa, tentando com isso criar também uma nova ética, uma étnica cooperativa. Assim, quem tem poucas habilidades motoras, poderão estar sempre participando e sendo capacitados em suas dificuldades.

Os jogos cooperativos são jogos em que os participantes jogam uns com os outros, em vez de uns contra os outros. Joga-se para superar desafias. São jogos para compartilhar, unir pessoas, despertar a coragem para assumir riscos, gerando pouca preocupação com o fracasso ou com o sucesso como fins em si mesmos. Eles reforçam a confiança mútua e todos podem participar autenticamente. Ganhar e perder são apenas referências para o contínuo aperfeiçoamento pessoal e coletivo. (SOLER, 2009, p. 139).

O Brincar, para a criança, é coisa muito séria. Toda criança deveria poder brincar, pois a brincadeira contribui para o processo de socialização das crianças, oferecendo-lhes oportunidades de participar de atividades coletivas livremente, além de ter efeitos positivos para o processo de aprendizagem e estimular o desenvolvimento de habilidades básicas e aquisição de novos conhecimentos. O lúdico é um dos elementos do processo de aprendizagem, e constitui em uma ferramenta de grande importância porque torna belo e prazeroso o ato de aprender, devendo ser uma constante no cotidiano da sala de aula, podendo contribuir para o desenvolvimento do indivíduo como um todo. O trabalho com jogos viabiliza condições para que a criança se conheça, se descubra seus valores, costumes, ideias e papéis, conquistando espaços e vitórias, de forma a vencer desafios como a exclusão social, o isolamento, a inferioridade, a insegurança e o medo em se expressar.

A brincadeira é uma atividade muito importante para a vida da criança especial, mas esta atividade não deve servir como uma atividade simplesmente distrativa, muito pelo contrário a brincadeira é uma necessidade do indivíduo sendo um fator determinante para o seu desenvolvimento integral (físico, mental e emocional) que contribuirá muito para a formação de sua personalidade e de sua identidade, por ser o brincar um momento livre e espontâneo.

Para a criança com TEA é fundamental que se proponha atividades diversificadas e diferenciadas, que abordem questões voltadas ao desenvolvimento da autonomia para que passem a ser sujeitos ativos e não mais "objetos passivos" de uma sociedade segregada.

O brincar para a criança com TEA é um obstáculo a mais a ser transposto, pois esta precisa enfrentar seus medos, anseios e frustrações para adquirir uma nova postura mais segura, mais autônoma e mais participativa, para que consiga explorar suas habilidades e competências.

Quando a criança brinca encontra respostas para algumas perguntas e experimenta momentos de interação com outras pessoas, isso é essencial para o desenvolvimento humano. Portanto, cabe aos educadores prestarem muita atenção no momento em que a criança estiver brincando livremente e se o mesmo perceber o interesse da criança por esse tipo de brincadeira deverá então intervir procurando induzi-la a se interessar por outra brincadeira para que assim contribua para o seu desenvolvimento levando a criança a crescer intelectual, social e emocionalmente tornando-se pessoas mais inteligentes, competentes, criativas e felizes, que é o mais importante.

O brinquedo apresenta-se como um suporte para a brincadeira. E acaba se tornando um incentivo para que um adulto, que

um dia também foi criança e fez uso dos seus brinquedos para brincar e se divertir, possa realizar uma reflexão sobre a infância e comparar com a criança existente hoje.

Sem o brinquedo fica um pouco mais difícil e complicado para a criança criar brincadeiras e simulação de situações que os levem a brincar. O brinquedo é um objeto em que a criança se apropria e realiza algo primordial para si mesma como uma oportunidade de divertimento.

Evidencia-se que para a criança não importa a origem do brinquedo, mas sim a alegria e o prazer que estará lhe proporcionando, podendo ser um bem simples e produzido por ela mesma com sucata, funcionará tão valor de um brinquedo para uma criança poderá ser medido pela intensidade de desafios que o mesmo representará para ela.

Os brinquedos devem ser objetos fortes, para que não venham a desapontar as crianças e desestimulá-las ao se quebrar quando ainda começar a brincar. Sendo um brinquedo frágil, além do constrangimento e do desapontamento, poderá ser perigoso e abalar a segurança da criança e lhe constranger acabando com o interesse e a vontade de conhecer e experimentar. Quando se trata de uma criança muito tímida que já tem um medo de causar estragos e se deparar com situações constrangedoras

Em se tratando de crianças com TEA, por apresentarem algumas características especificas, como dificuldades de expressão oral ou motora, é preciso que ele seja estimulado a brincar, com o acompanhamento de um adulto para incentiva- lá. E isto tem que se fazer de maneira com que respeite, as suas necessidades e seu desenvolvimento.

Para chamar a atenção vale tudo móbiles iluminados, chocalhos, sons, texturas e muito mais, o importante é que o brinquedo seja percebido. Nos casos de crianças de grandes limitações, o canto, música e leitura de contos, são ideais. Para a brincadeira ficar ainda mais dinâmica, vale abusar de máscaras, bonecos e fantasias. Essa dica é ótima para crianças com distúrbios comportamentais. Para o estímulo da percepção visual, lanternas, papéis laminados e purpurina são ótimos artefatos. Para as crianças que sofrem com limitações motoras o ideal é que seu acesso aos diversos ambientes seja facilitado para que assim elas possam explorar tudo ao seu redor.

A forma como uma criança brinca poderá revelar o que está guardando em seu mundo interior, seus sentimentos retraídos, que a criança acaba expondo sem perceber através da brincadeira e que serve de suporte para uma análise clínica de profissionais especializados na área da psicologia, quando sentir necessidade em suas análises para ajudar a criança em determinados momentos. Os brinquedos vão muito além de distrair e animar os pequenos. Usados da forma adequada eles são uma poderosa arma para encarar possíveis limitações das crianças e alcançar inúmeros progressos em seu desenvolvimento.

A importância dos jogos como prática pedagógica na educação inclusiva evidencia a sua função como estimulador e motivador do processo de aquisição de novos conhecimentos propiciando um ambiente favorável e atrativo para os alunos portadores de necessidades especiais. O jogo é uma atividade lúdica presente durante toda a infância. Atualmente, o jogo é reconhecido como um aliado saudável para o desenvolvimento das crianças. Tanto os pais como a comunidade reconhecem no jogo uma atividade importantíssima para desenvolver a capacidade de aprendizagem da criança, um meio de expressão e maturação no plano físico, cognitivo, psicológico e social.

Nesse sentido, os jogos cooperativos favorecem algumas atitudes:

Evitam situações de exclusão.

Diminuem as chances de experiências negativas.

Favorecem o desenvolvimento das habilidades motoras e capacidades físicas.

Estimulam um clima de alegria e descontração.

Promovem o respeito pelas diferenças.

Ensinam além das regras e estrutura de jogo.

No entanto, vale ressaltar que os princípios da cooperação, aplicados ao ensino dos esportes, serão capazes de potencializar ações positivas no processo inclusivo somente se houver conhecimentos específicos da área da Educação Física. Os profissionais devem compreender o esporte e os jogos cooperativos, buscando as suas interações e inter-relações para auxiliar o processo de inclusão. Sua atuação pedagógica deve ser, obviamente, eficaz, não se esquecendo da sua função como agente pedagógico e sua importância no processo educacional. Se nada disso ocorrer, os Jogos Cooperativos perderão seu significado dentro deste complexo processo de ensinoaprendizagem e não estimularão em nada a inclusão, tornando-se um "atalho" falso e vazio (SILVEIRA [et al.], 2008, p. 4).

Portanto, a melhor iniciativa para má Educação Física Inclusiva é a participação efetiva de todos os alunos, sem distinção de deficiência ou condição especial, unidos em jogos cooperativos que estimulem o convívio mútuo e a autoconfiança.

A ludicidade deve estar presente nas

aulas do professor sempre que indicarem que serão eficientes, contribuindo com isso, para a assimilação dos conteúdos e no desenvolvimento integral do educando. Muitas atividades lúdicas auxiliam a criança a abstrair e formar conceitos que não conseguiria por outros métodos de aprendizagem. As atividades lúdicas devem ser intervindas pelo educador sempre que necessário de maneira seja esclarecido às dúvidas e que estimule a busca de soluções, onde a cooperação prevaleça.

Ensinar o educando a partir do lúdico permite que ele experimente inúmeras possibilidades e caminhos, pois quando gostamos do que realizamos, aprendemos muito melhor.

Portanto, a ludicidade deve estar presente constantemente nas práticas pedagógicas dos educadores, pois ela é muito importante e essencial para desenvolvimento do educando com necessidades educativas especiais, como também das demais crianças

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluímos que a importância do lúdico na aprendizagem, irá contribuir no processo de formação do educando especial, pois brincar favorece a auto estima, a interação com os colegas e sobre tudo, a linguagem interrogativa, propiciando situações de aprendizagem que desafiam seus conhecimentos estabelecidos, fazendo destes elementos novos esquemas de cognição. No ato de brincar ou jogar, ocorre um processo de troca, partilha, confronto, propiciando conquistas individuais e coletivas, portanto, o brincar também é fonte de conhecimento. Por meio das brincadeiras, o professor pode estimular habilidades nas crianças, determinando para o aluno qual o objetivo do jogo, as regras e o tempo. O lúdico aplicado a prática pedagógica não apenas contribui para a aprendizagem da criança, como possibilita ao educador tornar suas aulas mais dinâmicas e prazerosas.

Assim, deve-se propiciar e estimular a criança especial através de jogos brinquedos e brincadeiras considerando seu desenvolvimento integral contemplando, portanto, os aspectos físicos, emocionais, cognitivos e mentais do indivíduo. Os aspectos supracitados são fundamentais para que tenham uma boa formação da personalidade e da identidade da criança até mesmo para que instigue ainda mais suas capacidades. Com isso as atividades lúdicas acabam perdendo o seu real sentido, pois não obtêm o efeito esperado e passam a ser encaradas como mera distração ou passatempo, principalmente no final das aulas. No entanto é necessário que não só os professores, mas também todos os profissionais envolvidos direta ou indiretamente com o ambiente educativo comecem a repensar suas práticas, inserindo o lúdico como recurso didático, pois este não é suficientemente trabalhado.

Em uma relação lógica e compreensiva do assunto abordado, é possível perceber claramente como as atividades com perfil lúdico têm maior eficiência no desenvolvimento de atitudes de cooperação e respeito ao tempo e espaço de cada um no que tange sua participação nas atividades desenvolvidas.

Portanto, pode-se concluir com essa pesquisa que a Educação Física pode ser uma grande aliada na escola inclusiva, desde que os profissionais sejam bem capacitados para atender a demanda e possuam vontade de evoluir com a escola e os demais professores, trabalhando de forma diversificada e interativa com as demais disciplinas da sala.

Assim, esperamos que a Educação Física possa caminhar lado a lado com a Educação Inclusiva, trazendo seu melhor para aprimorar a motricidade e a integridade daqueles que já são tão marginalizados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

BENJAMIN, W. A criança o brinquedo a educação. 3. Ed. São Paulo: Summus Editorial, 1984. p.45.

BROTTO, F. O. Jogos Cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência. Santos: Projeto Cooperação, 2001.

COELHO, Cristina M. Madeira. Inclusão Escolar. In: KELMAN, Celeste Azulay [et al]. Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar. Brasília: Editora UnB. 2010. P. 55- 72.

COLLELLO, S. Alfabetização em questão. São Paulo: Graal, 2004.

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino da Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.

DAÓLIO. Da Cultura do Corpo. In: PICOLLO, V. L. N. (Org.) Educação Física Escolar: Ser... ou não ter? Campinas: Papirus, 1995.

DE MARCO, A. Educação Física ou Educação Motora? In: _ . (Org.). Pensando a Educação Motora. Campinas: Papirus, 1995. P. 27-35.

FERREIRA, Vanja. Educação Física: Interdisciplinaridade, Aprendizagem e Inclusão. Rio de Janeiro: Sprint, 2006.

GALLARDO, Jorge Sérgio Peres. Didática da Educação Física, a criança em movimento, jogo, prazer e transformação. São Paulo: FTD, 1998.

GORGATTI, M. G; COSTA, R. F. Atividade Física Adaptada. Barueri - SP: Manole, 2005a.

MAZZOTTA, M. J. S. Educação Especial no Brasil: História e Políticas Públicas. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MENDES, E. G. Educação Inclusiva: Realidade ou Utopia? Apostila produzida para a Mesa- Redonda do LIDE-USP / São Paulo, 1999.

NUNES, F.S. Educação Física frente ao processo de terceirização. Trabalho monográfico de conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Feira de Santana. Setembro, 2001.

OLIVEIRA, Vitor Marinho. O que é educação física? São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

RODRIGUES, D. A Educação física perante a educação inclusiva: reflexões conceituais e metodológicas. Revista da Educação Física da UEM, Maringá, v.14, n.1, p.67-73, 2003.

STAINBACK, S. STAINBACK, W. Inclusão – Um Guia para Educadores. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

SEYBOLD, A. Educação Física Princípios Pedagógicos. Rio de Janeiro: Ed. Ao Livro Técnico, 1994.

SILVA, Rita de Fátima, JÚNIOR, Luiz Seabra, ARAUJO, Paulo Ferreira. Educação Física Adaptada no Brasil: da História à Inclusão Educacional. São Paulo: Phorte, 2008.

SOLER, Reinaldo. Educação Física Inclusiva na Escola: em busca de uma escola plural. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2009.

UNESCO. Declaração de Salamanca e enquadramento da acção na área das necessidades educativas especiais. Lisboa: IIE, 1994.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente: psicologia e pedagogia. São Paulo: Martins Fontes, 1998